



O PROFESSOR MUTANTE EM PETER EISENMAN

EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DE PROJETO DE ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA.

BARROS, Carolina Mendonça Fernandes de¹, **ROCHA**, Eduardo².

¹ *Universidade Federal de Pelotas*

carolmfbarros@terra.com.br

² *Professor convidado do Curso de Especialização em Educação – FaE/UFPel*

amigodudu@pop.com.br

1. INTRODUÇÃO

A redução da obra à arte pura, que surge como motriz nos movimentos de vanguarda, liberada de qualquer componente cotidiano que dificulte a experiência estética, supõe o abandono da mimese como procedimento habitual da arte e a adoção da concepção como momento essencial da construção de uma forma livre da aparência natural e, em troca, consistente, dotada de finalidade interna. (PIÑON, 1999).

Onde a busca pelo inesperado surge, o nome relevante desta vertente na arquitetura é do arquiteto norte-americano Peter Eisenman, nascido em 1932 em Newark, Nova Jersey, se formou arquiteto pela Universidade de Cornell, mestrado em Arquitetura na Universidade de Columbia e obtendo o título de doutor mais tarde em Filosofia pela Universidade de Cambridge.

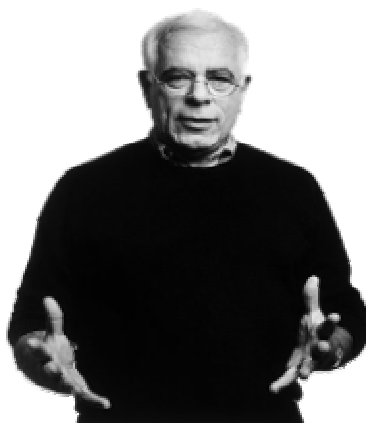


Figura 1 – Peter Eisenman

Experiências arquitetônicas recentes sorvem em conceitos como o da fragmentação, do caos e da desordem, que mesmo dentro de uma ordem aparente, permanecem como temas centrais, donde produzem uma flagrante ruptura nas nossas maneiras habituais de perceber a forma e o espaço.

Então a partir destas constatações surge o questionamento de quais sentidos emergem no encontro do professor Peter Eisenman com o ensino de arquitetura contemporânea, a partir dos conceitos da filosofia da diferença¹?

2. MATERIAL E MÉTODOS

Como metodologia neste trabalho será utilizada uma pesquisa qualitativa cartográfica, baseada na cartografia sentimental, onde Cartografia² é mapa. Para os geógrafos, é comunicação e análise. Por consequência, cartografia pressupõe comunicação. É um elemento de comunicação. É uma comunicação visual. Não só visual, como imagética, fílmica, sonora, ou dos sentidos, das sensações. De localizar e sentir o mundo.

Cartografia não é apenas um meio de comunicação, mas também um desenho. Cartografia é topografia, é fotografia, é psicologia; ela é, portanto, todos esses elementos utilizados para comunicar algo. Por conseguinte, a comunicação é algo que permeia todo o processo cartográfico.

Nesse caso, a cartografia a partir dos conceitos delezianos gira em orbes que se criam para expressar afectos³ contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos. É uma lógica rizomática que conforme DELEUZE (1997) a definição baseia-se em seis princípios: a conexão, a heterogeneidade, a multiplicidade, a ruptura com o significante, a cartografia e o desenho.

Neste trabalho caracterizam-se quatro etapas de trabalho, sendo a primeira intitulada de Encontro com a teoria da Cartografia baseado nos conceitos de Suely Rolnick e com a filosofia da diferença utilizando referências como Guatarri, Deleuze e Derrida. Na segunda etapa deste processo, intitulemos de Momentos cartográficos, onde ocorre uma busca de materiais, que afectam a pesquisa e proporcionem um lastro de informações para a escrita, a formulação e entendimento dos conceitos, no terceiro são esperados o contato com o estudo e ensino de projeto aplicado nas Universidades locais sob a forma de entrevistas com alunos e professores dos cursos estudados, onde serão oferecidas a eles imagens de obras e conceitos de Peter Eisenman, por último delimitam-se os planos que interseccionam o tema, onde todo o material coletado sofrerá uma análise que se julgará o que é de vital interesse e o que “toca” o projeto, obtendo assim a cartografia como escrita.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

1 A filosofia da diferença é uma corrente criada por filósofos franceses contemporâneos como Deleuze e Derrida, cuja atenção é voltada para a mudança de conceitos no indivíduo. A Filosofia da diferença busca dar voz à diferença para instaurar novos ângulos e perspectivas do real, “uma nova imagem do pensamento” (Gilles Deleuze).

2 “Representação gráfica, em geral uma superfície plana e numa determinada escala, com a representação de acidentes físicos e culturais da superfície da Terra, ou de um planeta ou satélite. As posições dos acidentes devem ser precisas, de acordo, geralmente, com um sistema de coordenadas. Serve igualmente para denominar parte ou toda a superfície da esfera celeste” (OLIVEIRA, 1980: 233).

3 Para Gilles Deleuze, não há perceptos sem afectos. Os afectos são os devires, são devires que transbordam daquele que passa por eles, que excedem as forças. São potências. In: BOUTANG, P. (1989). O Abecedário de Gilles Deleuze. Paris, Éditions Montparnasse, (transcrição de entrevista).

Segundo TARUFI citado em DUARTE (2001) o "drama arquitetônico" contemporâneo mostra uma insegurança lastreada primeiramente, no medo de se assumir referências alheias ao universo arquitetônico, imaginando ainda, que tudo possa se resolver internamente, e em segundo, na dificuldade de se abandonar o mito da vanguarda perene, onde também demonstra o Experimentalismo, como um profundo desenvolvimento de questões até se exaurir todas as possibilidades e a partir deste esgotamento cria-se uma nova referência.

No experimentalismo onde penetra Peter Eisenman, que preconiza através de seu discurso vanguardista, vincula uma arquitetura livre de valores externos, com seu falar independente, de construção abstrata e "atópica", com idéia de arquitetura como "escrita", em oposição à arquitetura como "imagem". Ao visualizar as obras do arquiteto, a intenção é a existência de um lugar textual, que outrora nos demais seriam signos reconhecíveis, onde baseado no desconstrutivismo, contrapõe diretamente a idéia tradicional de que a cultura influencia a arquitetura.



Figura 2 – obras de Peter Eisenman

Eisenman sempre traça um paralelo entre o seu trabalho arquitetônico e a teoria filosófico-literária usando o desconstrutivismo como égide central. À prática desconstrutivista, caracterizada originalmente por um procedimento reverso ao da composição, baseado na expressão filosófica de Derrida que apontava a possibilidade de, ao se conhecer o centro, implodi-lo, para assim obter múltiplos fragmentos que poderiam despertar uma miríade de novos significantes e significados.

Eisenman além de sua prática, traz consigo para sala de aula, um movimento de inquietação no processo de ensino/aprendizagem em projeto de arquitetura rompendo com a lógica cognitiva de como ensinar projeto que atualmente parte do esquema em que é feito uma simulação de escritório e ao aluno é proposto um problema (a proposta do cliente) que se entende será resolvido (o projeto) com a troca de informações com o professor através de etapas pré-estabelecidas.

Eisenman entra como um rompimento, uma secção nesta metodologia, liberando do estado de etapas pré-estabelecidas, como anteprojeto, projeto legal e outras, para um processo sem ordem estática aonde o aluno textualiza o seu projeto, "(...) isto é o que eu tenho vindo a tentar fazer, descontextualizar o observador obrigá-lo a re-conceber arquitetura" (EISENMAN, 2004), fazendo uso desta estrutura dobrada⁴.

4 DELEUZE, G. (2005). **A dobra: Leibniz e o barroco**. São Paulo, Papirus.

4. CONCLUSÕES

Até dado momento a pesquisa se encontra em fase de captação de informação e familiaridade dos conceitos expostos, como por exemplo, o de mutação, ruptura e desconstrução. Objetiva-se a compreensão do ensino de arquitetura contemporânea através da influencia dos instrumentos conceituais utilizados na obra do arquiteto Peter Eisenman e promover o debate dos novos instrumentos projetuais utilizados por Eisenman no ensino de uma arquitetura contemporânea nas disciplinas de Projeto Arquitetônico na Universidade Federal de Pelotas e na Universidade Católica de Pelotas atualmente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

< http://arquitextos.com.br/arquitextos/arq008/arq008_01.asp> acesso em: 22 de maio de 2008

DELEUZE, Gilles. (2005). **A dobra: Leibniz e o barroco**. São Paulo, Papirus.

DELEUZE, Gilles. e GUATTARI, Félix. (1997). **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. V.1. São Paulo, Ed. 34.

DUARTE, Fábio. **Elipse crítica. Reflexões a partir de Manfredo Tafuri**. ARQTextos n. 008.01, São Paulo, Portal Vitruvius, jan. 2001.

KOOLHAAS, R. e outros (2000). **Mutaciones**. Barcelona, Actar.

PIÑÓN, Helio. (1999). **Miradas intensivas**. Barcelona: Edicions UPC, ETSAB.

OLIVEIRA, C. (1987). **Dicionário Cartográfico**. Rio de Janeiro, IBGE.

ROLNICK, S. (2006). **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre, UFRGS.

SEGRE, ROBERTO / RATTENBURY, KESTER / LONG, KIERAN, F.(2007). **Arquitetos contemporâneos**. São Paulo: Editorial Viana & Mosley, 2007.